

UFPR - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

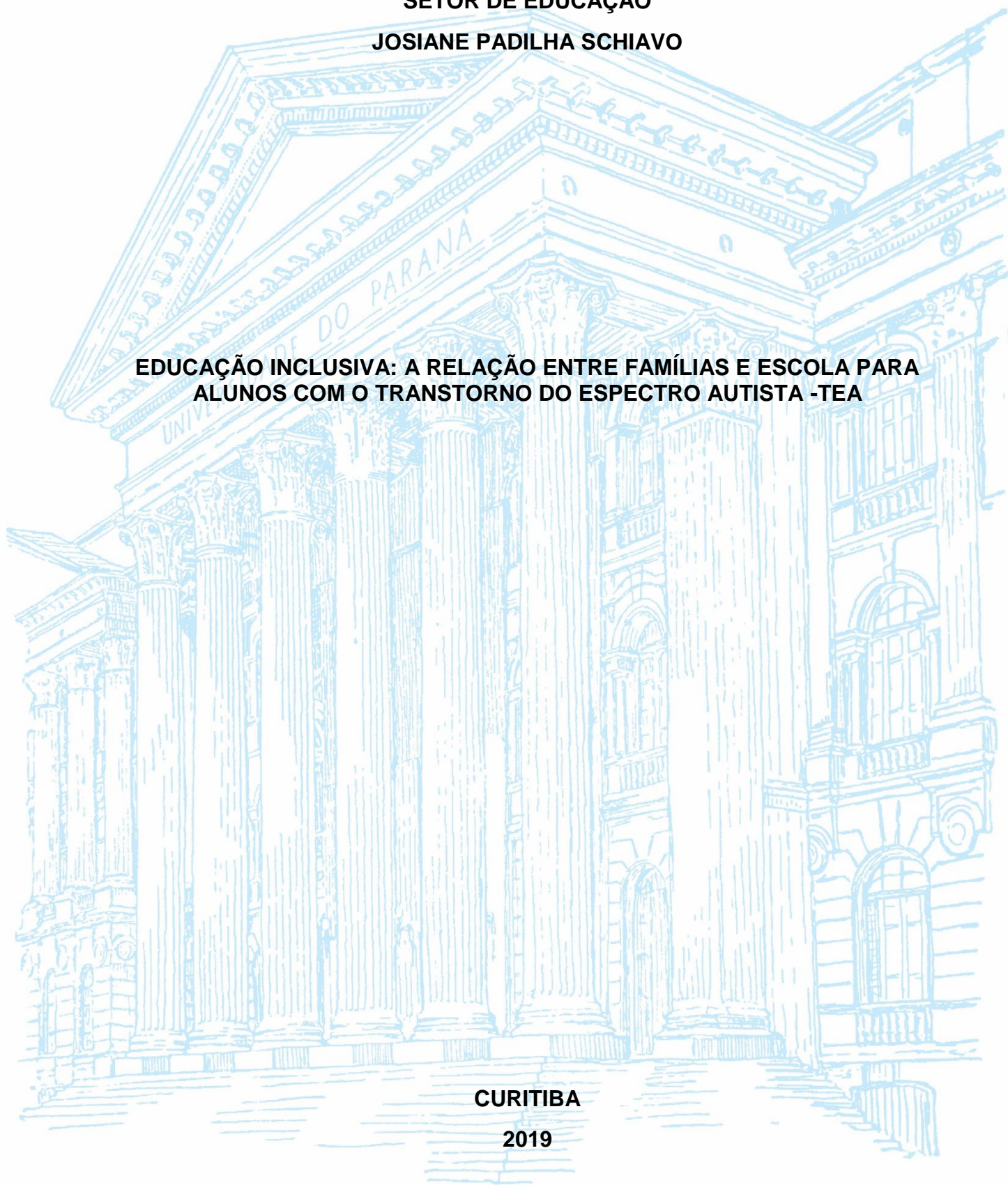
SETOR DE EDUCAÇÃO

JOSIANE PADILHA SCHIAVO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIAS E ESCOLA PARA
ALUNOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA -TEA**

CURITIBA

2019



JOSIANE PADILHA SCHIAVO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIAS E ESCOLA PARA
ALUNOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA -TEA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do diploma.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Minetto

CURITIBA

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

JOSIANE PADILHA SCHIAVO

**EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIAS E ESCOLA PARA
ALUNOS COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA –TEA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau em Pedagogia, pelo Programa de Graduação em Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª Maria de Fátima Minetto
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação

Profª Lurdes Fabrício de Oliveira
Banca Examinadora

Curitiba, 12/12/2019

“Para entender o que o outro diz, não basta entender suas palavras, mas também seu pensamento e suas motivações”.

Lev Vygotsky.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pela vida e por me proporcionar em conhecer, aprender e valorizar as oportunidades que ela me deu.

Agradeço a minha família, pai Jorge, esposo Leandro, filhos Juliane e Giovane e minhas irmãs Viviane e Lisiane, aos meus velhos e novos amigos que conquistei e a essa instituição de ensino, Universidade Federal do Paraná.

Agradeço todos os professores que convivi e em especial a minha orientadora Prof.^a. Dr.^a. Maria de Fátima Minetto, pela paciência e dedicação com que teve comigo durante todo o meu período acadêmico.

E por fim, o meu agradecimento, a todos que contribuíram, direta e indiretamente, na realização desse projeto.

Muito Obrigada

RESUMO

O presente trabalho descreve a relação família e escola regular, sob a ótica de pais e professores. Para o desenvolvimento do objetivo proposto, foi realizado o levantamento de dados, por meio da aplicação de um questionário, em um ambiente virtual, composto de onze (11) questões com perguntas abertas e fechadas. O instrumento foi aplicado para vinte e uma (21) famílias de crianças com transtorno do espectro autista, atendidas no CMAEE, Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado, em uma cidade localizada na região metropolitana de Curitiba, e para sete (07) docentes que atendem essas mesmas crianças, na rede pública de educação que demandam de adaptações no dia a dia escolar. O modelo teórico-metodológico, foi através de um levantamento bibliográfico fundamentado em diversos autores que tratam da relação família e escola, aonde a coleta de dados se fez por meio da análise das respostas apresentadas pelas famílias e docentes, sendo denominada como pesquisa de caráter qualitativo de modo transversal, que possibilitou compor este estudo. A relação entre as famílias e a escola regular, é importante para o desenvolvimento social, emocional e educacional da criança com TEA.

Palavras-chaves: Autismo. Inclusão. Família. Professor. Escola.

ABSTRACT

This paper describes the relationship between family and regular school, from the perspective of parents and teachers. To develop the proposed objective, data were collected by applying a questionnaire in a virtual environment, composed of eleven (11) questions with open and closed questions. The instrument was applied to twenty-one (21) families of children with autistic spectrum disorder, attended at CMAEE, Municipal Center for Specialized Educational Assistance, in a city located in the metropolitan region of Curitiba, and for seven (07) teachers who attend these same children, in the public education system that demand adaptations in the school routine. The theoretical-methodological model was through a bibliographic survey based on several authors dealing with the family and school relationship, where data collection was made through the analysis of the answers presented by families and teachers, being called qualitative research. transversally, which made it possible to compose this study. The relationship between families and regular school is important for the social, emotional and educational development of children with ASD.

Keywords: Autism. Inclusion. Family. Teacher. School.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TEA - Transtorno do Espectro Autista

CDC - Centro de Controle de Doenças e Prevenção

AEE - Atendimento Educacional Especializado

DSM V - Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais V

APA - American Psychiatric Association

CMAEE - Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado

TGD - Transtorno Global de Desenvolvimento

SMED - Secretaria Municipal de Educação

PLC - Projeto de lei da Câmara

ONU – Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.2 OBJETIVOS	11
1.2.1 Objetivo Geral	11
1.2.2 Objetivos Específicos	11
2.REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO AUTISMO	12
2.2 CARACTERÍSTICAS E MANIFESTAÇÕES	14
2.3 OS DIREITOS DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA ...	16
2.4 A FAMÍLIA E A ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO HUMANA	17
2.5 A INCLUSÃO ESCOLAR E O PAPEL DA FAMÍLIA	19
2.6 PROFESSOR, O FACILITADOR DA AUTONOMIA	21
3.MÉTODO.....	23
3.1 CARÁTER DA PESQUISA	23
3.2 INSTRUMENTOS.....	24
3.3 PARTICIPANTES	24
3.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	24
4.ANÁLISE DOS DADOS	24
5.RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	25
5.1 PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS E DA ESCOLA	25
5.1.1 Questão um (01), Inclusão	25
5.1.2 Questão 2, efetividade da inclusão para as famílias e a escola	28

5.1.3 Questão 3, relação família e escola	30
5.1.4 Questão 4, Iniciativas para facilitar a relação família e escola	32
5.1.5 Questão 5 e 11, Situações favoráveis e desafios para a parceria da relação família e escola	33
5.1.6 Questões 6, 7 e 9, Participação da família e da escola	36
5.1.7 Questões 8 e 10, Aspectos necessários para a relação família e escola	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
7. REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE I	44
APÊNDICE II	47
APÊNDICE III	49
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	49
ANEXO I	51

1.INTRODUÇÃO

O presente trabalho, foi devido no decorrer das minhas observações de situações reais, vivenciadas durante um período da minha vida pessoal e também acadêmica, em que essas experiências fizessem com que surgissem o meu interesse pela relação família e escola, no processo de inclusão de alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Conforme Coelho (2018), “incluir uma criança diagnosticada com TEA na escola é um desafio, visto que algumas características dessas pessoas são incompatíveis com o padrão clássico/formal da maioria das instituições de ensino brasileiras”. Com isso é necessário lembrar, que até hoje todos os direitos da pessoa com TEA, se fez através de ações movidas pelas famílias ocupando um espaço importante na sociedade.

A inclusão da criança atípica tem início na família, ela é responsável pelo seu desenvolvimento, sendo necessário haver uma investigação para as suas necessidades. (MINETTO, LÖHR, 2016). Ainda segundo Minetto e Löhr (2016), essa fase desenvolve as bases necessárias para a construção do conhecimento sob uma visão global. Assim, há uma série de estratégias de estimulação, que pode ser utilizada como: oportunizar atividades físicas, o lazer e os espaços culturais.

Para Mello (2001) é necessário investir na relação família, crianças e adolescentes com autismo, pois, muitas vezes as famílias não têm conhecimento e sensibilidade para tratar de maneira adequada os mesmos, criando assim situações em que vem a piorar o desenvolvimento da criança. Por isso, ainda segundo o autor, é necessário que se tenha um atendimento especializado, juntamente com a inclusão escolar, pois assim, pode ajudar a desenvolver a consciência da pessoa com TEA sobre si próprio.

Atualmente o TEA é cada vez mais frequente na sociedade e conseqüentemente nas escolas, devido a isso professores e equipe interdisciplinar, precisam buscar mais conhecimentos e práticas para realizar uma abordagem mais eficiente. (MANTOAN, 2003).

Desse modo, entendemos a necessidade de discutir a importância do envolvimento da família com a escola regular, devido atingir diretamente o desenvolvimento social, emocional e educacional do aluno com TEA.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Baseando nos apontamentos acima, surgem as seguintes questões: “Como pais e professores veem a relação família e escola? ” E “Quais as estratégias seriam mais eficientes para favorecer a relação família e escola? ”

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Descrever a relação família e escola regular, sob a ótica de pais e professores.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Identificar a percepção dos pais de alunos com TEA na educação inclusiva, da relação família e escola;
- Verificar a percepção dos professores de educação inclusiva, sobre a relação família e escola;
- Elencar ações que incentivem a parceria família e escola para os alunos inclusivos com TEA.

2.REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO AUTISMO

O autismo, inicialmente, foi descrito por Leo Kanner (1943), como Síndrome Comportamental que se manifesta nos primeiros anos de vida. O primeiro paciente observado por Leo Kanner foi em 1938. Durante seu trabalho foram descritas onze crianças, entre meninas e meninos. A partir desse momento o autismo passou a ser estudado por diversos pesquisadores, com mais frequência. Tendo seu conceito ampliado e, atualmente, admitem-se diversos graus do autismo (ARAÚJO e SCHWARTZMAN, 2013).

Ainda de acordo com Araújo e Schwartzman (2013), o autismo nasce com um transtorno neurobiológico, ou seja, uma alteração no desenvolvimento mental que faz com que o sujeito tenha dificuldades no relacionamento, com as pessoas e com o ambiente onde vive. Assim, ele precisa de ajuda, para se desenvolver e superar as suas limitações. Para Mattos e Nuernberg (2011, p.131) “o autismo é uma síndrome descrita há mais de seis décadas que ainda hoje não foi completamente compreendida”.

Silva (2012, p.20) conceitua a palavra autismo, “como sendo derivada do grego 'autos', que significa 'de si mesmo', é um estado mental caracterizado pelo alheamento do mundo exterior e criação mental de um mundo autônomo. ” O mesmo autor (2012), ainda destaca que o autismo é um distúrbio do neurodesenvolvimento, que não escolhe raça, credo ou condições socioeconômicas e que infelizmente ainda não existe cura.

De acordo com a Associação de Autismo da América "o autismo é um distúrbio neurológico que rompe o aprendizado a socialização de uma criança" (ASA, 2006). Para Belisário Filho e Cunha (2010, p. 12) "o autismo é explicado e descrito como um conjunto de transtornos qualitativos de funções envolvidas no desenvolvimento humano". E para Faggiani (2008) "o autismo é considerado uma desordem causada por uma alteração cerebral que produz dificuldade em três áreas: (1) Comunicação, (2) Relacionamento social e (3) Comportamentos repetitivos e inadequados”.

O DSM-V oficialmente publicado em 18 de maio de 2013, é a mais nova edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana. (APA, 2013). Segundo Araújo e Neto (2014), acredita-se que

as modificações foram necessárias para facilitar o diagnóstico. Foram doze anos de estudos, com revisões e pesquisas de campo realizadas por centenas de profissionais de diversas áreas, a garantia da nova classificação é com a inclusão, reformulação e exclusão de diagnósticos, favorece uma fonte segura e possibilita a evolução durante a intervenção.

O Autismo, na nova edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (APA, 2013), passou a pertencer à categoria denominada Transtornos de Neurodesenvolvimento, classificada como Transtornos do Espectro Autista, (APA, 2013). Após várias revisões bibliográficas, percebeu-se que o autismo envolve situações e graduações diferentes (CABRAL E MARIN, 2017).

Para Gadia, Bordini e Portolese (2013) o termo 'Espectro Autista ou Transtorno do Espectro Autista', é conceituado como algo que "engloba alguns diagnósticos que variam conforme a área de menor ou maior prejuízo para o indivíduo: nas áreas da interação social, comunicação e comportamental (comportamentos restritivos, estereotípias e repetitivos)" (p. 7). Os referidos autores também afirmam que o autismo "é um transtorno do neurodesenvolvimento com impactos importantes no desenvolvimento do indivíduo e que começa a se manifestar nos primeiros três anos de vida, gerando grandes dificuldades na comunicação, interação social e aprendizagem" (p.10).

Camargo e Bosa (2009, p.12) em seus estudos constataram que "[...] a tendência atual na definição de autismo é a de conceituá-lo como uma síndrome comportamental, de etiologias múltiplas, com intensas implicações para o desenvolvimento global infantil".

E a legislação brasileira também contempla a temática 'autismo' com a lei 12.764 de dezembro de 2012 que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, em seu artigo 1º diz:

§ 1º Para os efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica caracterizada na forma dos seguintes incisos I ou II:

I - Deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação verbal e não verbal usada para interação social; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II - Padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais

estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (BRASIL, 2012).

Contudo, pode-se afirmar que o autismo, também chamado de TEA, é caracterizado por alterações significativas na comunicação, na interação social e no comportamento da criança. As causas ainda não estão claramente identificadas, porém, já se sabe que o autismo é mais comum em meninos, "os dados epidemiológicos internacionais indicam uma maior incidência do TEA no sexo masculino, com uma proporção de cerca de 4,2 nascimentos para cada um do sexo feminino" (FOMBONNE, 2009 *apud* BRASIL, 2013, p. 15), e independe da etnia, origem geográfica ou situação socioeconômica. "Crianças de todas as camadas socioeconômicas, bem como cultural, social e étnicas podem ser diagnosticadas com autismo" (NEA, 2006, p. 2).

Além do mais, "[...] os critérios diagnósticos e as intervenções irão variar de acordo com a abordagem teórica escolhida pelos profissionais de saúde mental" (LÜDKE, 2011, p. 7) que estão envolvidos na avaliação da criança.

2.2 CARACTERÍSTICAS E MANIFESTAÇÕES

As manifestações das características autistas nas crianças podem variar muito, tanto no que se refere à comunicação como no comportamento e na interação social. Existem crianças autistas de alto funcionamento e crianças autistas com alguma deficiência intelectual. Algumas apresentam ausência de comunicação e interação social e outras até se aproximam, falam e interagem com outras pessoas, mesmo sendo de uma maneira mais peculiar (LÜDKE, 2011).

Crianças com funcionamento cognitivo mais baixo, geralmente tendem a não falar e se isolar. Em outro nível, a criança pode aceitar passivamente a interação, mas raramente a procura, enquanto em um funcionamento mais alto é possível que a criança se interesse pela interação, mas o faz de modo singular (KLIN, 2006 *apud* CAMARGO e BOSA, 2009).

[...] esses alunos podem ser muito diferentes entre eles. Alguns apresentam um isolamento, ausência total de linguagem verbal, agitação psicomotora

intensa, comportamentos ritualísticos, movimentos repetitivos e prejuízo no contato social. Outros que conversam bem, possuem até vocabulário muito rebuscado e inventam novas palavras, são capazes de falar horas sem parar sobre um determinado tema, parecendo “pequenos professores”. Eles geralmente conseguem acompanhar o conteúdo em sala de aula e tirar boas notas, mas socialmente podem se comportar de modo inadequado. Não conseguem fazer ou manter amizades por um longo período, ou parecem não se importar muito com a opinião e o desejo dos outros colegas ou professores. Entre esses dois extremos, existe uma infinidade de combinações de manifestações clínicas que irão determinar o jeito de ser de muitos dos alunos. (GADIA, BORDINI e PORTOLESE, 2013, p. 15).

Todavia, todas as crianças com autismo apresentam, de graus e combinações variados, déficits nas áreas da interação social, comunicação e comportamental (restritivo, estereotípicos e repetitivos), “[...] os três principais grupos de características são: problemas com a linguagem; problemas na interação social; e problemas no repertório de comportamentos (restrito e repetitivo), o que inclui alterações nos padrões dos movimentos” (BRASIL, 2013, p. 14).

Belisário Filho e Cunha (2010) comprovam com os estudos, ao afirmarem que “o autismo se caracteriza pela presença de um desenvolvimento, acentuadamente prejudicado na interação social e comunicação, além de um repertório marcadamente restrito de atividades e interesses” (p. 15).

Apesar de apenas profissionais da saúde (que acabam por compor uma equipe multiprofissional – pediatra, neurologista, psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta educacional) serem os responsáveis por avaliarem e diagnosticarem o autismo, existem alguns sinais importantes, chamados sinais de risco ou alerta, para os quais devemos estar atentos no desenvolvimento infantil, que podem indicar a presença de traços autistas, e que podem ser percebidos no ambiente familiar, social e escolar (GADIA, BORDINI e PORTOLESE, 2013; ASA, 2006; NEA, 2006).

Cada pessoa com autismo tem características próprias, porém, alguns sinais podem estar presentes e outros não, com intensidade e gravidade diferentes em cada caso. “Nas diferentes expressões do quadro clínico, diversos sinais e sintomas podem estar ou não presentes, mas as características de isolamento e imutabilidade de condutas estão sempre presentes” (BRASIL, 2013, p. 14).

2.3 OS DIREITOS DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

A criança com TEA têm o direito da matrícula e a sua permanência, segundo Lei nº 13.146, que Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania (BRASIL, 2015) e ainda a Lei Berenice Piana (Lei nº 12.764/12), que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista que estabelece diretrizes para sua consecução (BRASIL, 2012).

O governo dos Estados Unidos divulgou, em abril de 2018, a atualização dos números de prevalência do Centro de Controle de Doenças e Prevenção, o CDC (na sigla em inglês: Centers for Disease Control and Prevention): 1 criança com TEA para cada 59 crianças nascidas no país (Revista Autismo, 2018).

No Brasil, o que podemos dizer é uma incerteza, pois o país “deve ter” ou “pode ter” aproximadamente 2 milhões de pessoas com autismo, atualmente não existem dados oficiais. Segundo estimativas globais da ONU, aproximadamente 1% da população deve ser autista (Revista Autismo, 2018). No dia 18 de julho de 2019, o Governo Brasileiro, sanciona a Lei 13.861/2019, que altera a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, para incluir o levantamento sobre o transtorno do espectro autista nos censos demográficos (BRASIL, 2019).

Acredita-se que agora para muitas famílias, com os dados oficiais, haverá melhorias na saúde e na Educação para essas pessoas, pois poderão vir investimentos orçamentários do Governo, proporcionando a elas uma melhoria na qualidade de vida (BRASIL, 2019). Todo aluno de inclusão no Brasil, durante a sua vida escolar, desde a educação infantil até o ensino superior, tem o direito ao Atendimento Educacional Especializado, o AEE, onde esse atendimento deve ocorrer no contra turno escolar e beneficiar tanto o aluno quanto o professor, Decreto n. 7.611/11 (BRASIL, 2011).

Assim encontramos na LDB a Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996, que diz:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno

desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

E ainda, a lei 12.764 de dezembro de 2012, diz:

Art. 3º, parágrafo único diz que "em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado" (BRASIL, 2012).

De acordo com Araújo e Schwartzman (2013), uma educação inclusiva, pressupõe a educação para todos, não só do ponto de vista de quantidade, mas sobretudo no quesito qualidade. Dessa forma as escolas deverão ter uma equipe interdisciplinar que possa atender essa demanda de alunos, primando pela qualidade e capacidade, assegurado através de currículo, métodos, técnicas, recursos educativos específicos que os mesmos serão inseridos na vida escolar, familiar e social.

Para Franco (2015, p. 17), "incluir significa cada um ter acesso aos seus direitos como cidadão de pleno direito".

2.4 A FAMÍLIA E A ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO HUMANA

A família é o principal vínculo da criança nos primeiros anos de vida, "é na família que a criança encontra os primeiros "outros" e com eles aprende o modo humano de existir". (Szymanski, 2004). Dessa forma, a família tem um papel importante no desenvolvimento humano da criança. (Szymanski, 2004 *apud* MINETTO, CREPALDI, BIGRAS, MOREIRA, 2012).

Segundo o Manual de orientação da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), muitas crianças são diagnosticadas tardiamente, por isso é necessário que todos conheçam as características do TEA. Crianças com TEA precisam de tratamento e acolhimento, às famílias precisam de apoio e informação e os professores de conhecimento e treinamento. Todos que irão atender essa criança precisa entender o que é o TEA, para que se tenha estratégias que possibilitem a sua comunicação (FERREIRA, 2009).

Na maioria das famílias o diagnóstico é um desafio, gerando insegurança e dúvidas na hora de educar, manifestando nas famílias angústias desesperos e até a rejeição. (MINETTO, CREPALDI, BIGRAS, MOREIRA, 2012).

Pichon-Rivière (1995 *apud* Lüdke, 2011), afirma que é necessário pensar em intervenções que contemplem uma nova visão, um novo jeito de ouvir, uma nova maneira de sentir e novos planejamentos de estratégias de ensino-aprendizagem para esses educandos. E nunca esquecer que o vínculo é o grande agente que possibilita e dinamiza o aprendizado e a formação de laços sociais saudáveis.

Para Franco (2015), com as novas tecnologias, espera-se das crianças um grande avanço, porém as crianças com deficiência, apesar das grandes mudanças ocorridas durante o tempo, vão trazer novamente a reflexão do desenvolvimento, primeiro deve-se olhar para a inclusão para poder desenvolver a intervenção.

(...) as exigências da inclusão, não permite que se trabalhe apenas com a criança ou com a família, mas toda a comunidade e seus recursos têm de ser mobilizados. Sob pena de, mesmo que alcançarmos o máximo do desenvolvimento das crianças, ele não se traduza em efetivos ganhos para a sua vida, ou seja, a sua participação na vida social da comunidade, a inclusão (FRANCO, 2015, p.7).

De acordo com Portolese e Spalato (2013, p. 47) "as crianças e os adolescentes com TEA podem se tornar socialmente mais competentes, à maneira que aprendem a assimilar normas, valores e expectativas de seu ambiente, [...] o contexto escolar é muito importante para o desenvolvimento do repertório social da criança, desde as suas experiências iniciais na pré-escola".

O papel da família, além de proporcionar um ambiente seguro, é desenvolver estímulos necessários ao crescimento e desenvolvimento da criança, além do afeto (YAMAGUCHI E ISRAEL, 2017). E segundo Serra (2014), é na família que começa a primeira inclusão consciente, porém, com o diagnóstico muitas famílias deixam de ensinar coisa elementares para dar superproteger, o que prejudica no desenvolvimento escolar da criança.

Conforme Minetto, Crepaldi, Bigras e Moreira, (2012), pais de crianças atípicas, que tem um nível elevado de stress, precisam de redes de apoio específicas para promover ações de práticas educativas. Assim, a relação afetiva formada dentro da família, pode desencadear desenvolvimento saudáveis na criança, no processo

cognitivo, emocional e social, geralmente havendo a necessidade de orientação psicológica (DESSEN, POLONIA, 2007).

É dentro desse contexto, que se destaca a participação escolar, aonde todos os alunos, com necessidades educacionais especiais, frequentem salas de aula comum, no ensino regular, garantindo o convívio entre crianças e adolescentes com ou sem TEA, com aprendizado do respeito e da tolerância as diferenças, (Stainback e Stainback, 2002). Assim diz também a Lei Brasileira de Inclusão (LBI):

Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. (BRASIL, 2015).

O acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza de estímulos nos aspectos físicos, emocionais, cognitivos, psicomotores, sociais, bem como a convivência com as diferenças, favorecem o desenvolvimento das relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança (BRASIL, 2008).

Segundo Dessen, Polonia (2007, p. 22), “a família e a escola, são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente”. Nessa perspectiva, a família e a escola possuem interesses comuns, desenvolvendo práticas que venham a estreitar laços para o processo de socialização. Portanto, a família e a escola são fundamentais para desencadear os processos evolutivos para a formação humana.

2.5 A INCLUSÃO ESCOLAR E O PAPEL DA FAMÍLIA

A família é sem dúvida, um espaço educativo por excelência, é o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma experiência própria (DIOGO, 2000).

“A inclusão é um percurso de vida, um caminho de desenvolvimento, com múltiplas etapas”, (FRANCO, 2015, p. 20).

Para Franco (2015), é preciso que a inclusão aconteça em todos os contextos da vida, dessa forma, não adianta procurar as melhores escolas, se a inclusão não acontece no ambiente familiar. Segundo Vygotsky (*apud* FONTES, 1998), a escola tem um papel importante, pois através dela a criança vai construindo a sua autonomia, na qual tem a possibilidade de entender e desenvolver propostas que muitas vezes é oferecida, garantindo o seu processo histórico, sendo assim, um processo contínuo que ocorre durante toda a vida do indivíduo.

Contudo, é de extrema importância a relação da família e da escola, para o processo de construção de funções sociais, políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão (DESSEN, POLONIA, 2007).

[...] o objetivo da inclusão é de garantir que todas as crianças possam fazer parte de um grupo, de uma comunidade e de um sistema educacional que possa oferecer-lhes as mesmas oportunidades que as crianças que não possuem necessidades especiais, numa tentativa de impedir que minorias sociais, na qual se incluem crianças portadoras da síndrome autística, escapem do preconceito e do isolamento (MITTLER, 2003 *apud* LÜDKE, 2011, p. 11).

Os autores Nea (2006), Asa (2006), Belisário Filho e Cunha (2010) e Portolese e Spalato (2013), apresentam algumas estratégias de intervenção pedagógicas a serem aplicadas, levando sempre em consideração aquilo que é mais apropriado para cada aluno, proporcionar um espaço físico adequado em sala de aula; utilizar rotinas consistentes e que seja parte da rotina, fazer da sala de aula um ambiente acolhedor a todos os alunos; fornece instruções visuais, regras e organogramas; focar nas habilidades e buscar possibilidades para que as mesmas sejam desenvolvidas.

Na inclusão escolar, a criança com TGD¹ tem a oportunidade de vivenciar a alternância entre aquilo que acontece todos os dias da mesma forma e aquilo que acontece de forma diferente. Essa alternância permite o acúmulo de experiência que irá tornar o ambiente social menos imprevisível. O que podemos observar é que a escola é fonte de aprendizados provenientes da experiência sistemática com as situações sociais, sob a mediação da escola, de modo a ampliar para essa criança seus recursos para fazer antecipações. Assim, ela vai se tornando mais hábil em antecipar situações que são comuns à infância de qualquer criança, superando a condição inicial em que o contexto social e o que lhe é inerente consistem em algo que não pode ser antecipado e que não possui significado para ela (BELISÁRIO FILHO e CUNHA, 2010, p. 26).

¹ Transtornos Globais do Desenvolvimento

Algumas crianças conseguem rapidamente se adaptar às novas vivências, enquanto outras levam muitos dias nessa empreitada, absorvendo toda a atenção dos professores em atitudes de choro contínuo, apego à mãe na entrada da escola, sem deixarmos de poder mencionar o apego de mães aos seus filhos e a grande insegurança de algumas ao deixá-los na escola (BELISÁRIO FILHO e CUNHA, 2010).

Devido a uma necessidade pessoal, tanto a escola quanto a família, idealizam a criança perfeita, com isso deixam de ver as suas diferenças, para “corrigir” os seus problemas, fazendo com que a inclusão se torne mais difícil, pois cria barreiras impossibilitando os avanços dessa criança. (MORIN, 2011 *apud* KOBREN, CORREA, MINETTO, 2017).

Com crianças autistas o processo não é diferente. Elas também apresentam reações diferenciadas ao chegar à escola e ter sua rotina alterada, desorganizada. Assim, o professor é o agente do processo educacional, porém, "se nos mantivermos inflexíveis mediante as diferenças de nossos alunos e esperarmos que simplesmente se adaptem às nossas estratégias em sala de aula, contribuiremos pouco para o desenvolvimento de novas competências em cada um deles" (BELISÁRIO FILHO e CUNHA, 2010, p. 35).

A família é a principal mediadora da criança na vida social, ela transmite valores culturais passados de gerações. Tem um papel importante na construção individual e coletiva da sociedade, provocando evolução e atualização da história. Assim, a participação da família no processo de inclusão é essencial. (DESSEN, POLONIA, 2007).

2. 6 PROFESSOR, O FACILITADOR DA AUTONOMIA

De acordo com Oliveira (2015) o professor é aquele profissional encarregado de ministrar aulas de diversas disciplinas e vários conteúdos, de tirar as possíveis dúvidas que seus alunos apresentam, de passar informações, incentivar o raciocínio e aguçar a curiosidade das pessoas as quais deve ensinar. É um mediador da aprendizagem e tem um papel muito importante nesse processo. Ele elege e seleciona os conteúdos (formas de saber) e os métodos (formas de fazer) mais adequados para tratar de desenvolver as capacidades previstas (potenciais) de seus alunos.

Mas para Portolese e Spalato (2013), o professor vai além. É aquele que

instiga, que provoca a aprendizagem, e para isso, deve ter clareza de sua missão de educador, de agente facilitador do ensino-aprendizagem e de profissional responsável pelo sucesso de seus alunos dentro e fora da escola. É o grande agente do processo educacional.

Segundo Belisário Filho e Cunha (2010) os professores, acumulam farta experiência como testemunhas de diferentes graus de reação das crianças aos primeiros dias na escola e à primeira separação da família para um meio social mais amplo. É importante entender que as primeiras manifestações correspondem àquelas comuns às demais crianças.

No AEE, conforme Gomes, Paulin e Figueiredo (2010), o trabalho do professor é realizar ações específicas sobre os mecanismos de aprendizagem e desenvolvimento do aluno com TEA. É importante que o professor conheça o seu aluno e lhe dê segurança para fortalecer a autonomia e suporte no ambiente familiar, escolar e na sociedade. As situações vividas nestes ambientes, possibilita a organização e o desenvolvimento do pensamento.

Portolese e Spalato (2013) afirmam que "o professor é a pessoa mais importante no processo de aprendizagem do aluno. Como educadores devemos nos conscientizar disso e procurar obter uma melhor compreensão de como o aprendizado efetivamente ocorre" (p.24).

Deste modo, Gomes, Paulin e Figueiredo (2010), concordam que o professor AEE, contribui muito para o desenvolvimento do seu aluno TEA, permitindo a eles aprendizagens significativas.

Em um estudo realizado por Serra (2004, *apud* CAMARGO e BOSA, 2009), pode-se verificar que quando os professores estão adequadamente envolvidos no processo de inclusão, é possível importantes ganhos para o desenvolvimento de crianças com TEA. Nesse estudo buscou-se analisar os efeitos da inclusão em escola comum nos comportamentos de um menino de sete anos com autismo.

[...] proporcionar às crianças com autismo oportunidades de conviver com outras da mesma faixa etária, possibilita o estímulo às suas capacidades interativas, impedindo o isolamento contínuo. [...] as habilidades sociais são passíveis de serem adquiridas pelas trocas que acontecem no processo de aprendizagem social. [...] fica evidente que crianças com desenvolvimento típico fornecem, entre outros aspectos, modelos de interação para as crianças com autismo, ainda que a compreensão social destas últimas seja difícil. [...] a convivência compartilhada da criança com autismo na escola, a

partir da sua inclusão no ensino comum, possa oportunizar os contatos sociais e favorecer não só o seu desenvolvimento, mas o das outras crianças, na medida em que estas últimas convivam e aprendam com as diferenças (CAMARGO e BOSA, 2009).

E ao descrever a percepção dos professores sobre a inclusão de alunos com TEA, Baptista e Bosa (2002, apud LÜDKE, 2011) fazem um alerta para as noções um tanto distorcidas sobre o autismo:

[...]“ dificuldades na compreensão da linguagem, dificuldades em compreender o significado dos rituais, manejo da agressividade expressa pelo aluno, sentimento de insegurança por parte do educador, dúvidas em relação à prática pedagógica que deverá ser empregada e a falta de uma estrutura devidamente preparada para lidar com esses alunos. Essa estrutura refere-se à utilização de brinquedos didáticos, recursos audiovisuais, publicações, espaço físico e outros recursos que poderiam incrementar a qualidade do ensino (BAPTISTA e BOSA, 2002 apud LÜDKE, 2011, p.10).

Para que a aprendizagem ocorra, convém reorganizar as ações do professor, que deverão ser pautadas em reflexão-ação-reflexão, tendo como fonte os quatro pilares da educação, que consistem em: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (ANTUNES, 2004).

3.MÉTODO

3.1 CARÁTER DA PESQUISA

A presente pesquisa é qualitativa de caráter descritivo e comparativo de modo transversal, segundo Sampiere, Collado e Lúcio (2015) ocorreu em um determinado tempo da vida de um indivíduo, sendo um processo interativo e recorrente.

3.2 INSTRUMENTOS

Foi elaborado pela autora, como instrumento utilizado para a coleta de dados, um questionário em um ambiente virtual, com onze (11) perguntas relacionadas à educação inclusiva, para pais e professores interessados em participar da pesquisa.

3.3 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa, vinte e um (21) pais de crianças autistas, (Apêndice 1) atendidas na rede de apoio CMAEE-TGD, regularmente matriculadas na escola municipal da região metropolitana de Curitiba e sete (07) docentes (Apêndice 2), da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, da mesma região.

3.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Para dar início a coleta de dados, a busca pelos participantes foi realizada através de um contato telefônico com a diretora do CMAEE-TGD da região metropolitana de Curitiba. Foi feito um convite de maneira informal, aonde a diretora ajudou a trazer participantes para a pesquisa, encaminhando via e-mail e WhatsApp o formulário aos familiares de crianças com TEA e profissionais da educação da rede municipal, que frequentam o CMAEE-TGD.

Assim, informações foram repassadas sobre o projeto da pesquisa, enviado aos participantes para ser respondido a quem tivessem interesse. Todos os participantes concordaram com o Termo Livre e Esclarecido (Apêndices 3), cientes para assegurar o anonimato entre outras situações.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram separados em dois grupos: o primeiro grupo para pais de alunos com TEA atendidos pelo CMAEE-TGD e o segundo para os docentes da rede municipal de educação. A análise do instrumento sobre a relação das famílias e da escola regular, foram feitas a partir de 3 perguntas abertas e 8 perguntas fechadas, elaborados pela autora, de modo a comparar as duas situações vividas por ambas as partes. Com isso, serviu para elencar os dois pontos de vista, suas experiências, opiniões e significados, isto é, uma forma de como os participantes analisam a

realidade no ambiente escolar do aluno inclusivo. Assim, foi possível analisar as concepções e como as práticas da parte docente e familiar estavam sendo interligadas.

5.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os responsáveis participantes dessa pesquisa, foram vinte e um (21) pais de crianças com TEA e sete (07) docentes que estão em contato no dia a dia com esse aluno. Nas questões um (01), cinco (05) e onze (11) os resultados obtidos por meio do questionário aplicado aos familiares e docentes, foram organizados em formato de categorias. Os resultados das demais questões, dois (02), três (03), quatro (04), seis (06), sete (07), oito (08), nove (09) e dez (10), foram organizadas e discutidas, mostrando o resultado da análise em números e porcentagens descritas e em gráficos, conforme suas respectivas figuras.

5.1 PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS E DA ESCOLA

5.1.1 Questão um (01), Inclusão

Na primeira questão descritivas, buscou-se verificar a percepção de inclusão para as famílias e para os docentes, com a seguinte pergunta: “Explique brevemente o que você acha que é inclusão?”

As respostas dos familiares e docentes sobre a inclusão, foram descritas a partir da sua vivência e assim categorizadas como vantagens e desvantagens, também em subcategorias conforme na tabela 1:

Tabela 1 – Categorias e subcategorias do ponto de vista familiar sobre a inclusão

Vantagens que ocorrem a inclusão	Socialização	Convivência, estar inserido na sociedade
	Acolhimento	Ser atendido, fazer parte, olhar para o diferente, saber das limitações
	Direitos	Igualdade e respeito
	Autonomia	Dar oportunidade

	Respeito		Aceitar e conviver
Desvantagens	Adaptações Intervenções	e	Sem materiais adaptados, Não tem profissional de apoio

FONTE: autoria própria

A partir das respostas atribuídas pelas famílias, podemos verificar que os pontos vantajosos importantes para o conceito de inclusão são: a) socialização, cinco (05) famílias entendem que é de extrema importância, para que os seus filhos possam sentir-se parte da sociedade sem barreiras na convivência e comportamentais por parte das pessoas; b) o acolhimento, quatro (04) famílias consideram total relevância para a inserção verdadeira do sujeito na sociedade. Um exemplo é o que diz a mãe 1:

“Incluir é um todo e não só na escola, fora dela também”. (Mãe 1)

c) o “Direito”, duas (02) famílias entendem que o conceito de inclusão está intimamente relacionado a efetivação dos direitos da pessoa com algum tipo de transtorno, síndrome ou deficiência. Vejamos a fala da mãe 2:

“Incluir é não ter os seus direitos violados”. (Mãe 2)

d) na percepção de duas (02) famílias, a inclusão possibilita o estímulo e desenvolvimento da autonomia, o que também favorece a qualidade de vida do sujeito com alguma delimitação neurológica e/ou física; e) Cinco (05) famílias acreditam que, para haver humanização no contexto da inclusão por parte da sociedade, é necessário antes de tudo o respeito ao ser humano e conseqüentemente, o respeito às diferenças apresentadas por cada sujeito. Assim mostra a fala da mãe 3:

“Respeitar a especificidade de cada um”. (Mãe 3)

Assim categorizamos como uma desvantagem para a inclusão do aluno com TEA, a falta adaptações e intervenções pedagógicas necessárias no espaço escolar, três (03) famílias dizem não acontecer, manifestaram descredito, ou insegurança quanto à inclusão no contexto real. Por fim a fala da mãe 4:

*“O aluno precisa de um profissional de apoio conforme a sua necessidade”.
(Mãe 4).*

Para os docentes o conceito de inclusão contempla duas categorias: o “acolhimento” e “as adaptações e intervenções pedagógicas” conforme tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – Categorias e subcategorias do ponto de vista docente na inclusão

Vantagens	Acolhimento	Participação, consciência da necessidade do aluno, olhar diferenciado.
	Adaptações e Intervenções	Ambiente escolar adaptado, ensinar como cada um aprende.

FONTE: autoria própria

Dessa forma, uma (01) docente entende que a inclusão é antes de tudo, a acolhida verdadeira e de modo global da criança que possui algum tipo de limitação e demanda, a mesma acredita que possa acontecer o reconhecimento desse sujeito como um ser humano igual a todos. Exemplo da fala:

“Participação nos processos de ensino e aprendizagem, com a consciência de se ter um olhar diferenciado” (Professor 1)

Na percepção de seis (06) docentes, o conceito de inclusão acontece por meio de intervenções pedagógicas necessárias e específicas à demanda de cada criança, na qual, por muitas vezes requer materiais pedagógicos adaptados e estratégias de práticas diferenciadas. Como diz o professor 2 a seguir:

“Fazer com que o estudante não esteja inserido apenas no ensino regular, mas também precisa realizar atividades pedagógicas. Para isso ocorrer,

*usualmente é necessário tanto a adaptação de materiais quanto no currículo”
(Professor 2).*

De acordo com a 1ª questão sobre o conceito de inclusão, partindo da vivência de cada grupo (familiares e docentes), em consonância com a literatura, podemos destacar que a inclusão para ambos, não é uma tarefa fácil, principalmente quando a criança tem alguma necessidade especial, e em virtude de que precisa de cuidados e investimentos necessários para resultados positivos (Minetto, Crepaldi, Brigas e Moreira, 2012).

Os professores e o ambiente escolar, segundo Gadia, Bordini e Portolese (2013), são referências determinantes para a vida e o desenvolvimento da criança e do adolescente. Na escola, os alunos passam diariamente horas sob o olhar de educadores treinados a acompanhar sua aprendizagem e socialização. Portanto, não é raro que as primeiras dúvidas sobre o desenvolvimento da criança sejam levantadas pelos educadores da criança ou do adolescente.

Assim, a intervenção precoce acontece, quando se tem uma rede de suporte e recursos necessários, para o atendimento da criança com necessidades especiais, envolvendo a família e a escola, na medida em que, dar essa sustentação, são formas que influenciam direta e indiretamente a criança. (FRANCO, 2015).

Cabral e Marin (2017), ressaltam a importância do diálogo entre as famílias e os professores, para estabelecerem parcerias e trocas de experiências, em consequência de que, possibilita o maior entendimento para o desenvolvimento social, emocional e educacional do aluno com TEA.

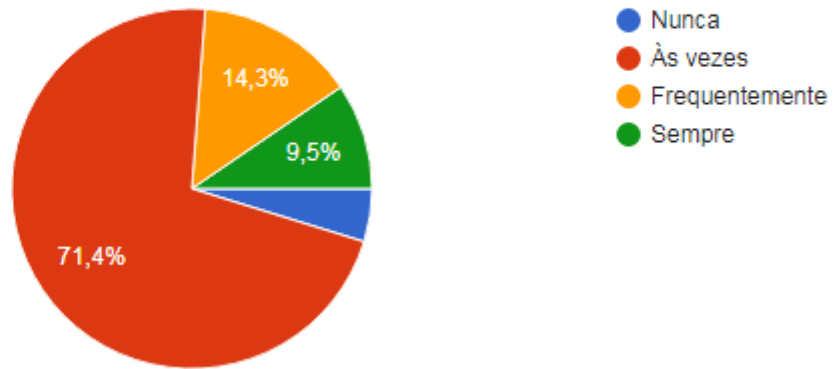
5.1.2 Questão 2, efetividade da inclusão para as famílias e a escola

Na segunda pergunta, de modo fechada, pergunto se as famílias e os docentes acreditam que a inclusão acontece. No comparativo da figura 1 e da figura 2 abaixo, algo muito similar foi respondido pelos dois grupos (família e escola).

FIGURA 01- PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS

2) Para você a inclusão realmente acontece?

21 respostas

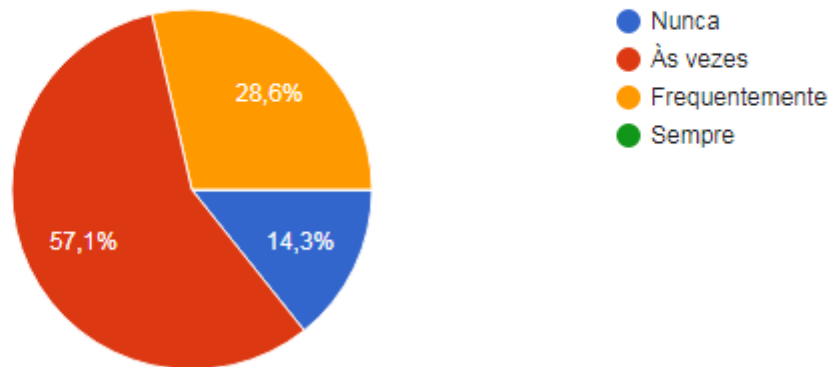


FONTE: autoria própria

FIGURA 02- PERCEPÇÕES DAS DOCENTES

2) Para você a inclusão realmente acontece?

7 respostas



FONTE: autoria própria

Através das respostas de vinte e uma (21) famílias e sete (07) docentes participantes da pesquisa, percebo que ainda as famílias e os docentes precisam trabalhar em conjunto para haver a inclusão.

O envolvimento familiar no processo de inclusão é extremamente necessário, pois somente dessa forma é possível haver uma parceria entre familiares e escola, pois os pais possuem uma bagagem considerável de informações sobre o aluno, as quais podem colaborar de forma significativa com o planejamento das intervenções educacionais e peculiares à cada aluno, planejamento esse que é organizado pela professora e desenvolvido com o aluno no dia a dia da sala de aula (SERRA, 2004).

Dessa forma, se tem a necessidade de estabelecer laços, entre as famílias e a escola, para que a criança seja a principal beneficiada.

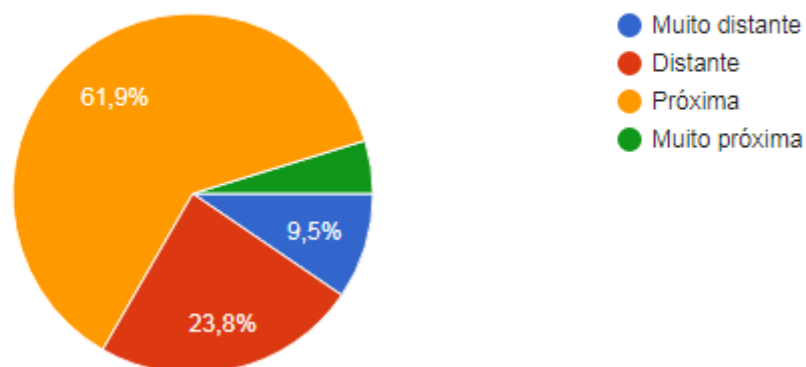
5.1.3 Questão 3, relação família e escola

Na questão três (03): “Como você percebe a relação família e escola?” Ao contrapor com a questão anterior, obtivemos resultados diferentes, conforme mostra a figura 03 e a figura 04.

FIGURA 03- PERCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS

3) Como você percebe a relação família e escola?

21 respostas

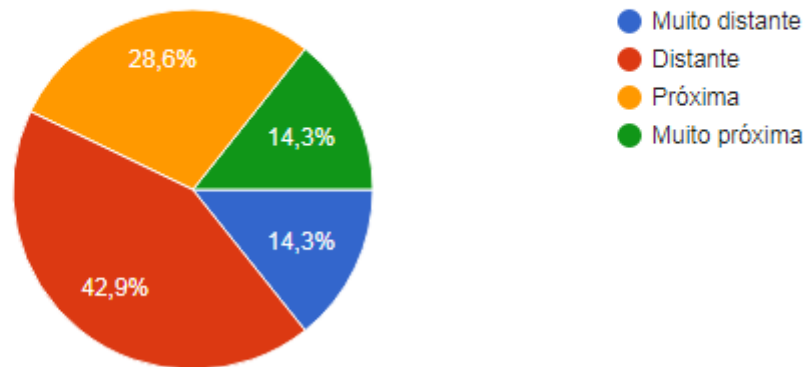


FONTE: autoria própria

FIGURA 04- PERCEPÇÕES DAS DOCENTES

3) Como você percebe a relação família e escola?

7 respostas



FONTE: autoria própria

Todos os profissionais da escola, não somente os professores, necessitam de preparação para saber lidar de forma adequada, com o aluno em diversos momentos e situações. Assim é importante que se tenha um bom relacionamento que requer o convívio, a interação positiva, a cooperação e a comunicação entre todos (MANTOAN, 2003).

Para Stainback & Stainback (2002, p.21) “O ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural – em escolas e salas de aula provedoras, aonde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas”.

Camargo e Bosa (2009) acreditam que para que haja de fato a efetividade da inclusão considerando todas as suas dimensões, se faz necessário como prioridade à qualificação dos docentes e demais profissionais que estão no contexto escolar, orientações e formações continuadas são necessárias, para que perante a realidade da demanda de inclusão possa haver a tomada de consciência da intensidade da ação de cada profissional ao lidar com um aluno que possui demandas específicas.

De acordo com Belisário Filho e Cunha (2010), o bom preparo profissional possibilita ao educador a isenção necessária para avaliar a conduta do aluno e da

família no auxílio da recondução das intervenções, quando elas não alcançam os resultados esperados no ambiente familiar ou na escola. Ao educador também é dada a tarefa de mediar os valores sociais e culturais.

5.1.4 Questão 4, Iniciativas para facilitar a relação família e escola

Na questão quatro (04), ainda como uma questão fechada, pergunto: “O que você faz para facilitar essa relação, família e escola? ”, se utilizou das seguintes opções para resposta: Participa do processo de adaptação em conjunto com a escola; oferece informações sobre o seu filho; Sempre está ciente do que está acontecendo com o seu filho no período escolar; solicita acesso ao professor quando lhe é conveniente; participa das reuniões quando é solicitado; solicita acesso ao professor.

Da mesma forma, foi respondida por todos os sete (07) docentes participantes da pesquisa, na qual se utilizou das seguintes opções para esta resposta: marca reuniões quando é solicitado pelos pais; faz registros sobre o desenvolvimento do seu aluno; observa o seu aluno no período escolar; solicita reunião quando se faz necessário; procura informar a família sobre reações do seu aluno

Na maior parte dos familiares a alternativa escolhida para facilitar essa relação, foi a de “sempre estar ciente do que está acontecendo com o seu filho no período escolar” e da mesma forma, os maiores números de participantes de docentes acreditam que a alternativa “procura informar a família sobre reações do seu aluno”, traz transparência no desenvolvimento construtivo da criança com TEA.

Percebemos que grande parte dos participantes dos dois grupos, (família e escola), acham necessário estar a par das situações que ocorrem nos espaços escolares. Isso, faz com que, ambos firmem combinados estabelecidos, para que situações desagradáveis, não venham fazer parte de um processo regressivo, mas sim, que se tenha uma intervenção adequada.

A intervenção precoce deve ser olhada para a necessidade da criança de um modo geral, e não para uma área específica, desse modo, ela serve para cuidar da criança em seu contexto global, lembrando da família e dos lugares que ela frequenta (FRANCO, 2015).

Percebemos que, para incluir é necessária uma mudança de atitude de toda a sociedade frente às diferenças existentes no ser humano. A educação inclusiva é uma

proposta que, para dar certo, necessita de uma escola aberta às diferenças e disponível a trabalhar nesse processo, família e escola em constante parceria (MANTOAN, 2003).

5.1.5 Questão 5 e 11, Situações favoráveis e desafios para a parceria da relação família e escola

A seguir, na questão aberta de numeração cinco (05), como vantagem para a relação família e escola: “Comente alguma situação favorável ao seu filho que fez a diferença no processo de inclusão na escola” (Apêndice 1), e na questão onze (11) apresentando como pontos de desvantagem: “Comente os desafios encontrados pela família na educação inclusiva” (Apêndice 1), fez-se necessário, a importância de comparar as duas (02) perguntas para analisar como as famílias e a escola regular se relacionam.

A partir da análise das respostas dos familiares, foram criadas sete (07) categorias e subcategorias, conforme mostra a tabela 3:

Tabela 3 – Categorias e subcategorias do ponto de vista familiar, como pontos de vantagens e desvantagens na relação família e escola

Vantagens (questão 5)	Autonomia	Lanche comunitário, para aprender a provar outros alimentos; segurança para a criança TEA poder desenvolver a autonomia.
	Acolhimento	Ambiente acolhedor, participação da família no processo educacional da criança com TEA.
	Socialização	Todos da escola conhecem a criança com TEA; Trabalho desenvolvido em grupo.
	Intervenções e Adaptações	A experiência do professor na hora de atender a criança com TEA em situações de crise.

Desvantagens (questão 11)	Direito	A escola não tem interesse em alunos de inclusão.
	Comunicação	Falta clareza na comunicação sobre as limitações e os potenciais do aluno com TEA.
	Conhecimento	A escola precisa conhecer o aluno com TEA, promovendo recursos aos profissionais da educação e materiais adaptados.

FONTE: autoria própria

De acordo com a questão cinco (05), respondida pelas vinte e uma (21) famílias, foi possível analisar: a) para dois (02) familiares, a participação da criança na simplicidade do contexto escolar, fez total diferença para dar início a construção da autonomia. b) O acolhimento foi necessário para quatro (04) famílias se sentirem seguras no processo de inclusão dos seus filhos. Exemplo da mãe 5:

“O meu filho ama ir para a escola, lá ele é acolhido por todos”. (Mãe 5)

c) seis (06) famílias relatam que a socialização, favoreceu no processo de inclusão devido conviver com as diferenças. d) oito (08) famílias, apontaram com sucesso, a formação dos professores, aonde também acreditam que essa qualificação faz com que o olhar para a inclusão seja especial.

Essas famílias, viveram a experiência de ter um ambiente seguro e de dialogar com a escola, com isso, as trocas de informações favorecem o convívio de todos.

Como desafios, todos os familiares participantes da pesquisa, tiveram que superar a experiência de não ter uma inclusão de qualidade, assim, foi possível fazer a seguinte análise: a) cinco (05) famílias tiveram os direitos negados, sete (07) famílias não foram ouvidas pela falta de comunicação da escola e nove (09) famílias não tiveram adaptações necessárias, no processo de inclusão dos seus filhos. Assim é o exemplo de um desabafo da mãe 6:

“Respeitem as especialidades do meu filho, nunca fomos ouvidos, apenas faziam de conta. A Inclusão é uma mentira, não existe”. (Mãe 6)

Para o aluno, o meio integrado: sociedade, família e escola, torna-se uma fonte de estímulos e de aprendizagem, o que impacta diretamente nas peculiaridades dos mesmos (STAINBACK e STAINBACK, 2002).

A presença de pais na escola pode ser muito interessante, no que se refere ao relacionamento entre pais e professores, o que pode colaborar e corroborar com o processo de socialização e aprendizagem da criança. Existem dúvidas e esclarecimentos que cabe à escola ter uma equipe, com condições de promover debates e orientar sobre os mais diversos assuntos de interesse a comunidade escolar. É importante que as famílias se sintam integradas nas atividades que a escola promove (MARQUES, 2001).

A seguir, temos a percepção dos sete (07) docentes participantes da pesquisa, na qual, foram criadas seis (06) categorias e subcategorias para a análise dos dados, conforme mostra tabela 4:

Tabela 4 – Categorias e subcategorias do ponto de vista docente, como pontos de vantagens e desvantagens na relação família e escola

Vantagens (questão 5)	Acolhimento	Ter paciência, atender com “Amor”, que tudo se resolve.
	Comunicação	Sempre falar com a família e com a escola sobre o seu aluno com TEA.
	Adaptações e intervenções	Materiais diferenciados e o apoio das terapeutas do CMAEE- TGD.
	Socialização	Parceria entre a escola, família e terapias.
Desvantagens (questão 11)	Autonomia	Falta de rotina na vida pessoal que interfere na vida escolar.
	Aceitação	Aceitação por parte da família quanto ao diagnóstico.

FONTE: autoria própria

Na vivência de cinco (05) docentes, as categorias acolhimento, comunicação e socialização, favoreceram para o processo de inclusão do aluno com TEA, sendo que para a categoria Adaptação e intervenção, dois (02) docentes afirmam que para dar certo, é preciso que se tenha uma rede de apoio dando sustentação a escola, pois dessa forma, acreditam que haja mais organização no processo curricular aluno.

Como desvantagens, os grandes desafios por parte dos docentes, foram as categorias Autonomia e Aceitação. Para três (06) docentes, é preciso que as famílias trabalhem com mais autonomia, buscando dar maior atenção para o desenvolvimento do aluno e um (01) docente, acredita que a aceitação pelo diagnóstico, dificulta esse processo.

Em seus estudos, Minetto (2008), afirma que o docente, também precisa participar de ações que promovam segurança, garantindo seus direitos e compreensão para atender o aluno atípico. Com uma boa organização e um planejamento eficiente, o docente consegue a atenção necessária para o progresso, conseguindo assim, equilibrar seus sentimentos emocionais com o apoio de todos, inclusive da família.

Novos desafios surgem, e não só a aquisição de conhecimentos que conta, é vital para esses profissionais a diversificação de modelos de formação e experiências que lhes permita aplicar em qualquer situação. Além de novas práticas, os professores devem buscar trabalhar coletivamente, ou seja, se os professores contribuírem uns com os outros, o seu desempenho como profissional será mais eficaz do que quando trabalhando isoladamente, dessa forma resultando em um trabalho equilibrado e acessível à todas as demandas apresentadas pelos seus alunos (CARVALHO, 2010).

5.1.6 Questões 6, 7 e 9, Participação da família e da escola

Nas questões seis (06), sete (07) e nove (09), como perguntas fechadas, foi perguntado para as famílias e para os docentes, se elas têm participação no processo de inclusão da criança, se são ouvidas e acolhidas pela escola regular (Apêndices 1). Portanto, 70% dos familiares responderam que sim, enquanto que 30% responderam as vezes e 80% dos docentes responderam que sim, enquanto 20% as vezes, assim, nenhum dos participantes dos dois grupos (família e escola), responderam “não” como resposta, dessa forma, percebemos o quanto as famílias e a escola, estão unindo esforços em busca de objetivos comuns para uma educação inclusiva de qualidade.

Antunes (2004), afirma que a escola, em sua função de mediadora na dimensão social e educacional na vida do aluno, colabora de forma significativa no seu processo de desenvolvimento global considerando as suas possibilidades, potencialidades e habilidades.

No processo da relação família e escola, é necessário que ambos busquem meios que auxiliem no desenvolvimento da criança. A Educação inclusiva é um direito assegurado e tem como objetivo, estimular a tomada de consciência política, educacional, judicial e ética responsável pela formação de competências do profissional que participa ativamente dos processos de interação, desenvolvimento e inserção com autonomia e qualidade de vida do sujeito com demandas específicas (Orrú, 2012).

5.1.7 Questões 8 e 10, Aspectos necessários para a relação família e escola

Ainda como pergunta fechada, a questão oito (08) e questão dez (10): “ Para você o que é mais importante para que seu filho (aluno) seja incluso? ” e “quais os pontos positivos que a inclusão acontece? ” (Apêndices 1 e 2). Foi respondida por vinte e uma (21) famílias participantes da pesquisa, aonde se obteve o maior número de afirmações nas respostas “motivação, acolhimento, conviver com as diferenças e a formação do professor”. E para sete (07) docentes participantes da pesquisa, o maior número de afirmações foi o de “Conviver com as diferenças e A família ter informações sobre o TEA”.

Para a maioria das famílias, o progresso no desenvolvimento, faz com que acreditem que seus filhos estão realmente inclusos, pois é dessa maneira que as famílias conseguem avaliar a escola regular. “O reconhecimento da escola como espaço de desenvolvimento de aprendizagens, em prol da autonomia, e a convicção na possibilidade de se exercer este papel junto à criança com TGD são fundamentais na relação inicial com a família, no sentido de sustentar a permanência da criança na escola desde o início e o estabelecimento de vínculo de confiança com os familiares”. (BELISÁRIO FILHO E CUNHA, 2010).

Para os docentes, o conhecimento das famílias com o TEA, são essenciais para o desenvolvimento do aluno, pois dessa forma, vão criando mais segurança e autonomia nas propostas oferecidas pela escola. Ainda para os autores, Belisário

Filho e Cunha (2010), tanto as famílias e a escola precisam compreender que nem todos os dias tudo vai dar certo. É preciso que a escola tenha tempo para conhecer a criança com TEA, devendo planejar ações concretas com a contribuição da família, aonde as dificuldades iniciais, possam vir aparecer durante um percurso decorrente às mudanças ocorridas em um período da sua vida, pois elas são sensíveis as alterações de rotina.

De acordo com Diogo (2000), a família tem um papel fundamental na vida da criança quanto ao seu processo de desenvolvimento escolar, e essa presença deve ser permanente. É importante que os pais, professores compartilhem experiências, entendam e trabalhem buscando compreender as peculiaridades de cada situação.

Para que a inclusão aconteça de fato, pais e profissionais precisam caminhar juntos, priorizando a criança, por meio de estímulos, para que o seu desenvolvimento aconteça de modo global e contemple as dimensões biopsicossociais e educacionais, na prática escolar, quando necessário, é preciso que haja adaptação curricular (BERGAMO, 2009).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs em descrever a relação dos familiares de crianças com TEA e dos docentes da escola regular da mesma região metropolitana de Curitiba, na qual, as percepções de ambos os lados foram necessárias para o desenvolvimento da pesquisa.

Segundo a ONU, um bilhão de pessoas tem algum tipo de deficiência no mundo, somente no Brasil 6,2% da população se declara com deficiência (IBGE, 2019). A inclusão parece ser algo tão difícil, mas é apenas uma mudança que cada um de nós tem a capacidade de se adequar.

Na maioria, o pilar dessa criança, é a família, aonde a inclusão é começar pelo afeto, o acolhimento e o saber, como aponta os autores, Szymanzki (2004), Serra (2014) e Franco (2015), e ainda “O papel da família, especialmente dos pais, é central nesse processo, mas as expectativas que eles têm sobre o desenvolvimento da criança irão interferir no seu modo agir” (MINETTO, LÖHR, 2017).

Assim é necessário estabelecer entre as famílias e a escola regular um clima de confiança. As condições naturais das crianças de inclusão, devem ser vistas, como uma construção de saberes, na qual, aprendemos a cada dia com a diversidade e a conviver com as diferenças (BELISÁRIO FILHO e CUNHA, 2010). É um processo de descoberta ou vivência diferente, mas pode levar uma vida inteira para ser aceita, aonde exige muita coragem e dedicação.

As docentes, em sua grande maioria relatam que, já houve muitas evoluções em relação à prática inclusiva no contexto escolar e social, porém, ainda existem muitas falhas nesse mesmo contexto. As leis precisam ser cumpridas com mais rapidez, dessa forma, algumas docentes entendem que a ação inclusiva requer conhecimento, qualificação, acolhida, empatia e ação humanizada junto ao aluno.

Uma escola que não consegue ou não tem capacidade de olhar as diferenças de uma criança, não vai ter a sensibilidade de entender as diferenças básicas dessa criança. Elas têm o direito ao afeto, acesso, respeito, dignidade, políticas públicas de qualidade e a educação inclusiva de verdade, para daí sim ocorrer uma transformação diante da sociedade (GOMES, POULIN e FIGUEIREDO, 2010).

A partir do comprometimento da inclusão, vamos enxergar nessa criança o que ela tem, como ela é e não o que falta nela e nem o que podemos fazer para ela ser

igual aos outros. Vamos aprender a olhar o que é bom e estar diante de uma família, que tenta vencer todos os dias, as barreiras e o preconceito, aonde a esperança sempre a acompanha e muitas vezes infelizmente sozinha.

Portanto, a família e a escola precisam planejar a construção da história do aluno TEA, permitindo a ele vivências encontradas dentro e fora da escola. Dessa forma, as ideias principais que era de atender o objetivo, identificando e verificando a relação da família e escola se deram a importância do trabalho.

Os resultados obtidos permitiram concluir os objetivos da pesquisa, que busquei me inspirar em autores aqui referenciados, devido suas experiências e publicações, aonde é de suma importância descrever a relação família e escola, para dar início a muitos estudos que ainda se fazem necessários. Ao longo da minha pesquisa, percebo que várias ações são determinantes para elencar a relação família e escola.

Assim, sinto-me privilegiada por estar aqui, concluindo o meu curso, por ter conhecido pessoas maravilhosas e por estudar cada vez mais sobre algo de meu interesse e que possa ser de interesse de todos. Meu filho para mim é um aprendizado no qual não mudaria nada em minha vida, ele e todas as crianças, com necessidades especiais, não são um problema, o problema é a exclusão, nós não somos todos iguais, nós somos todos diferentes.

Para se criar laços afetivos é buscar olhar para o diferente, que nada mais é, a definição de inclusão, lembrando que eles existem, vamos incluir com amor.

7. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ceres Alves de. SCWARTZMAN, José Salomão. **Transtorno do espectro do autismo**. São Paulo ,Memnan, 2013.

ARAÚJO, Álvaro Cabral, & NETO, Francisco L. (2014). **A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5**. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 16(1), 67-82.

American Psychiatry Association (APA, 2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5)*. Washington:American Psychiatric Association

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira, e CUNHA, Patrícia, **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar Transtornos Globais do Desenvolvimento**, Brasília, 2010.

BORDINI, Daniela; GADIA, Carlos; PORTOLESE, Joana. **ESTRATÉGIAS DE IDENTIFICAÇÃO: Autismo - como identificar in: Autismo e educação: cartilha autismo e realidade**. São Paulo, 2013.

BORGES, Lucia; GUALDA, Danielli Silva; CIA, Fabiana; **Relação família e escola no contexto da inclusão: opinião de professores pré-escolares**. jan/abril 2015.

BRASIL, **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: Secretaria de Educação Especial/ MEC. Portaria nº 948/2007 de 07 de janeiro de 2008.

BRASIL, 2012, Lei n. 12.764, de 27 de dez. de 2012. Lei Berenice Piana. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm.

BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 06 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

BRASIL, 2019, Lei n. 13.861 de 18 de Julho de 2019. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13861.htm.

BRASIL, 2011, Decreto n. 7.611 de 17 de novembro de 2011. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm.

CABRAL, Cristiane Soares; MARIN, Angela Helena; **Inclusão Escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática da Literatura**. Belo Horizonte, 2017.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher e BOSA Cleonice Alves, **COMPETÊNCIA SOCIAL, INCLUSÃO ESCOLAR E AUTISMO: REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA**¹. Porto Alegre, 2009.

CARVALHO, R. E. **Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CORREA, Wesley; MINETTO, Maria de Fatima Minetto; KOBREN Rafaeli Cappellaro. **Um olhar para a criança com deficiência sob a perspectiva da complexidade**. Curitiba, 2017.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**.

DIOGO, J, M. L. (2000). **Parceria Escola – Família – A caminho de uma Educação Participada. Coleção Escola e Saberes**, Porto Editora, Porto.

FERREIRA, Joana Cristina Paulina. **Estudo Exploratório da qualidade de vida de Cuidadores de pessoas com perturbação do espectro do autismo**. Porto, 2009. Dissertação.(Monografia em Educação Física); Faculdade de Desporto; universidade do Porto, 2009.

FRANCO, V. **Introdução à intervenção precoce no desenvolvimento da criança: Com a família, com a comunidade, em equipe**. Évora: Edições Aloedro, 2015.

GOMES, Adriana Leite Lima Verde; PAULIN Jean-Robert; FIGUEIREDO, Rita Vieira. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar O Atendimento Educacional Especializado para Alunos com Deficiência Intelectual**. Brasília, 2010.

LÜDKE, M. **O curso de mestrado, seu currículo e a formação de professores para a pesquisa**. In: **COLÓQUIO LUSO-BRASILEIRO DE QUESTÕES CURRICULARES – Políticas, fundamentos e práticas do currículo**. Porto, 2011. Anais... Porto: Porto Editora, 2011.

MARQUES, Ramir; **Educar com os Pais**. Lisboa: Editora Presença, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa. E. **Inclusão social: o que é? por quê? como fazer?** (Coleção cotidiano escolar). Ed. Moderna, São Paulo, 2003, pp. 12-20.

MATTOS, Laura Kemp de e NUERNBERG, Adriano Henrique. **A intervenção do psicólogo em contextos de educação especial na grande Florianópolis**. 2010, vol.16, n.2, pp.197-214.

MELLO, Ana Maria S. Ros. **Autismo: guia prático**. 2ª ed. São Paulo, Corde, 2001, pp. 35-37.

MINETTO, Maria de Fátima; CREPALDI, Maria Aparecida; BIGRAS Marc; MOREIRA, Laura Ceretta. **Práticas educativas e estresse parental de pais de crianças pequenas com desenvolvimento típico e atípico**. Curitiba, 2012.

MINETTO, Maria de Fátima; LÖHR, Suzane; **Crenças e práticas educativas de mães de crianças com desenvolvimento atípico.** Curitiba, 2016.

PORTOLESE, J; SPALATO, M. H. T. **Capítulo 3: Estratégias de Habilidades Sociais.** In: **Cartilha e Educação.** São Paulo. 2013.

SZYMANSKI, H. **Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional.** *Revista Estudos de Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 5-16, maio-ago. 2004.

OLIVEIRA, Andréia Cosme; **O Papel da família no processo de inclusão escolar do aluno com o Transtorno do Espectro Autista,** Brasília, 2015.

ORRÚ, Silva Ester. Trajetórias, avanços e desafios na concepção e educação de educandos com autismo. In: ORRÚ, Silva (org.). **Estudantes com necessidades especiais: singulares e desafios na prática pedagógica inclusiva.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

REVISTA AUTISMO. **Quantos autistas há no Brasil?** Ed. nº4 ano V, março, abril e maio, 2019. p. 20.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria deiPilar Baptista. **Metodologia da pesquisa.** Penso: 5 ed. 2015.

SERRA, Dayse C. G. **A inclusão de uma criança com autismo na escola regular: desafios e processos.** 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SILVA, A. B. B. **Mundo Singular: Entenda o Autismo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
SCHMIDT, Carlo; NUNES, Débora Regina de Paula; PEREIRA, Débora M.; OLIVEIRA, Vivian Fátima de; NUERNBERG, Adriano Henrique; KUBASKI, Cristiane; **Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas.** São Paulo, 2016.

SCHMIDT, Carlo, **Autismo, educação e transdisciplinariedade.** Campinas: Papirus, 2013.

STAINBACK, S. STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YAMAGUCHI, BRUNA; ISRAEL, VERA LÚCIA. **Interações neuromotoras da criança: indivíduo, ambiente e tarefa.** *Desenvolvimento da Criança: Família, Escola e Saúde*, 2017, v. 1, p. 15-24

APÊNDICE I

Questionário para os familiares da criança com TEA

1. Explique brevemente o que você acha que é a inclusão?

2. Para você (familiar) a inclusão realmente acontece?

Nunca

Às vezes

Frequentemente

Sempre

3. Como você percebe a relação família e escola?

Muito distante

Distante

Próxima

Muito próxima

4. O que você faz para facilitar esta relação, família e escola?

Participa das reuniões quando é solicitado

Sempre está ciente do que está acontecendo com o seu filho no período escolar

Solicita acesso ao professor

Verifica a agenda diariamente

Oferece informações sobre o seu filho

Solicita acesso ao professor quando lhe é conveniente

Participa do processo de adaptação em conjunto com a escola

5. Comente alguma situação favorável ao seu filho que fez a diferença no processo de inclusão na escola.

6. Você tem participação na escola no processo de inclusão do seu filho?

- Sim
- Às vezes
- Não

7. Você é ouvido nas reuniões pedagógicas?

- Sim
- Às vezes
- Não

8. Para você o que é mais necessário para que seu filho (a) seja incluso?

- Motivação
- Acolhimento
- Conviver com as diferenças
- Possibilidade de interação com a sociedade
- Trabalhar em grupo
- Progresso no desenvolvimento (cognitivo, aprendizagem e autonomia)
- Alfabetização, aprender a ler e a escrever
- Profissional de apoio
- Material didático adaptado
- Formação do profissional
- Prova com o mesmo conteúdo dos demais alunos

- () Demanda de conteúdo (para o aluno exercitar a mente)
- () Provas e materiais adaptados

9. Você se sente acolhido pela escola?

- () Sim
- () Às vezes
- () Não

10. Marque pontos que você acha (negativo ou positivo) que possa interferir no processo de inclusão do seu filho (a).

- () Formação do professor
- () Relação família e escola
- () Tecnologia dentro da escola
- () Conhecer o aluno
- () Conhecer a família
- () Profissional de apoio durante o período escolar do seu aluno
- () Demanda de conteúdo

11. Durante o período escolar do seu filho, quais os maiores desafios encontrados na escola? Faça um comentário sobre a relação da família e escola para o aluno com o TEA.

Dados Pessoais

Nome: _____

Grau de Parentesco: _____

Idade da criança com TEA: _____

AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO NA PESQUISA!

APÊNDICE II

Questionário para os professores da rede municipal

1. Explique brevemente o que você acha que é a inclusão?
2. Para você (professor) a inclusão realmente acontece?
 Nunca
 Às vezes
 Frequentemente
 Sempre
3. Como você percebe a relação família e escola?
 Muito distante
 Distante
 Próxima
 Muito próxima
4. O que você faz para facilitar esta relação, família e escola?
 Marca reuniões quando é solicitado pelos pais
 Marca reuniões quando é necessário
 Observa o seu aluno no período escolar
 Informa a família sobre mudanças de comportamento do aluno TEA
 Tem acesso à família quando é solicitada
 Faz registros na agenda escolar
 Procura informar a família sobre as reações do seu aluno

5. Comente alguma situação favorável ao seu trabalho que fez a diferença no processo de inclusão na escola.

6. Você tem acesso a família no processo de inclusão do seu aluno?

- Sim
- Às vezes
- Não

7. Você é ouvido nas reuniões pedagógicas?

- Sim
- Às vezes
- Não

8. Para você, o que é mais necessário para que seu aluno (a) seja incluso?

- Conviver com as diferenças
- A família ter informações sobre o TEA
- Família colaborativa
- Possibilidade de interação com a sociedade
- Trabalhar em grupo
- Tutor para o aluno inclusivo
- Tutor em sala de aula
- Progresso no desenvolvimento do seu aluno (cognitivo e autonomia)
- Redução de conteúdo

9. Você se sente acolhido pela família?

- Sim
- Às vezes

() Não

10. Marque pontos que você acha (negativo ou positivo) que possa interferir no processo de inclusão do seu aluno (a).

() Formação do professor

() Relação família e escola

() Tecnologia dentro da escola

() Conhecer o aluno

() Conhecer a família

() Profissional de apoio durante o período escolar do seu aluno

() Demanda de conteúdo

11. Na sua atuação profissional, você teve experiências com famílias diferentes? Faça um comentário sobre essa relação, caso contrário, registre os desafios do seu dia a dia, com o aluno TEA e com a família desse aluno.

Dados Pessoais

Nome: _____

Turma: _____

Idade da criança com TEA que você atende: _____

AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO NA PESQUISA!

APÊNDICE III

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nós, Josiane Padilha Schiavo (Graduanda em pedagogia pela UFPR) e a prof^a Dr^a psicóloga Maria de Fátima Minetto (orientadora da pesquisa do programa de pós-graduação em Educação - Mestrado na linha de pesquisa Cognição Aprendizagem e Desenvolvimento Humano da Universidade Federal do Paraná), estamos convidando você que para participar de um trabalho de conclusão de curso intitulado “Educação Inclusiva: A parceria entre a família e a escola para o aluno com transtorno do espectro

autista”. Sua participação é importante e vai possibilitar a disseminação de informações sobre a relação entre a família e escola com alunos de inclusão. a) O objetivo desta pesquisa é descrever a relação da família e da escola regular sob a ótica de pais e professores. b) Com relação aos riscos levantados pela pesquisa é possível que os participantes experimentem algum desconforto, devido às reflexões realizadas. Para minimizar este possível desconforto, a professora coordenadora que é psicóloga oferecerá atendimento psicológico na sede da UFPR (Avenida Sete de Setembro, 2645) no período de até um mês após o término da pesquisa, em data e horário que seja mais conveniente a você. Caso o desconforto seja muito grande para você, poderá solicitar seu desligamento da pesquisa sem nenhum prejuízo ou necessidade de explicação. Caso haja algum dano maior, a pesquisadora se compromete a prover meios para repará-los por meio de encaminhamento a Clínica-Escola de Psicologia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, sendo o tratamento gratuito. c) Os benefícios esperados com essa pesquisa incluem identificar a percepção dos pais na educação inclusiva, família e escola; verificar a percepção dos professores na educação inclusiva, família e escola e elencar ações concretas que incentivem a relação família e escola. d) Os pesquisadores Maria de Fátima Minetto e Josiane Padilha Schiavo, responsáveis por este estudo, poderão ser contatadas na Universidade Federal do Paraná (Avenida Sete de Setembro, 2645) no telefone e-mail descritos a seguir: Josiane - josianeschiavo@gmail.com; Fátima – fa.minetto@gmail.com- para esclarecer eventuais dúvidas que os senhores possam ter e fornecer-lhes as informações que queiram, antes, durante ou depois de encerrado o estudo. e) A sua participação neste estudo será anônima e voluntária e se você não quiser mais fazer parte da pesquisa poderá desistir a qualquer momento. f) As informações relacionadas ao estudo poderão ser conhecidas por pessoas autorizadas, professora orientadora da pesquisa. No entanto, se qualquer informação for divulgada em relatório ou publicação, isto será feito sob forma codificada, para que a sua identidade seja preservada e mantida sua confidencialidade. g) O material obtido - com as respostas dos questionários – será utilizado unicamente para essa pesquisa e será destruído/deletado ao término do estudo, em aproximadamente cinco anos. h) As despesas necessárias para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e você não receberá qualquer valor em dinheiro pela sua

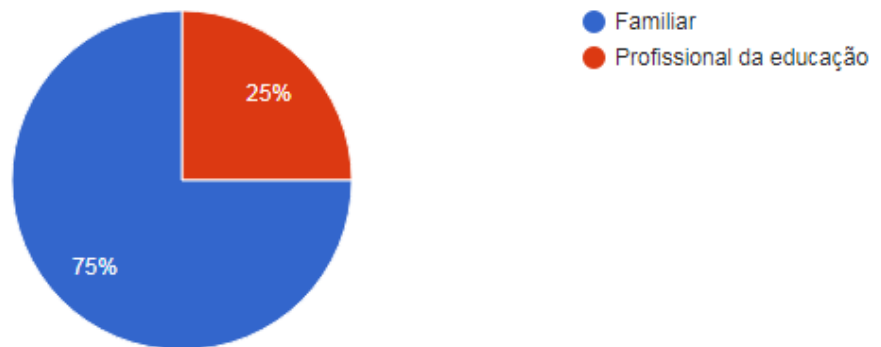
participação. i) Quando os resultados forem publicados, não aparecerá seu nome, e sim um código (pesquisa anônima).

ANEXO I

Público alvo

Você é?

28 respostas



Vinte oito (28) pessoas participaram da pesquisa, sendo vinte um (21) familiares e sete (07) docentes, no qual todos concordaram com o “Termo Livre esclarecido”.